

**Nelson Rodrigues**  
**O Maracanã: uma cidade dentro da cidade**

Marileide Menezes <sup>1</sup>

Nascido pernambucano, no dia 23 de agosto de 1912, Nelson Rodrigues acaba se tornando figura emblemática e intrigante do cenário carioca. Constrói uma grande obra, montada sob a égide do conflito e da observação... obra espia, dilacerante, provocadora de múltiplos sentimentos, mas absolutamente vigorosa e ágil, absurdamente fincada nos “mortos e vivos mais urgentes”, em experiências graves, banais, de aparente irrelevância.

Esse cotidiano, no entanto, desempenha papel decisivo na temática de sua narrativa, pois define sua relação com o mundo exterior, ao mesmo tempo em que mergulha em suas subjetividades.

Com efeito, Nelson admira tudo que exala vida, contracena com as obsessões que passeiam em seu cotidiano e constituem matéria que ajuda a compor a fotografia de seu tempo.

No decorrer de sua trajetória, mantém vibrante a capacidade de espantar-se ante o fenômeno da multidão, do aglomerado que acentua o comportamento coletivo em detrimento do individual. É nesses aglomerados que o autor excursiona para ler os mosaicos das relações sociais representadas por camisas coloridas, que estabelecem grandes redes de sociabilidades e de possibilidades.

A cidade está aí nesses caleidoscópios da metrópole, e, em especial, no espetáculo do futebol, na paixão pelo Fluminense, na capacidade de conjugar múltiplas esferas da realidade desse esporte, na descrição de adversários dilacerantes e espasmódicos, na exaltação da torcida.

Conspirou o destino que o centenário do nascimento do cronista pernambucano Nelson Rodrigues fosse o mesmo dos 100 anos do clássico entre Fluminense e Flamengo. Eis outra verdade: quis o destino que a grandiloquência de ópera da multidão carioca tricolor gritasse “É campeão”, marcando seu triunfo glorioso no mesmo ano dos cem anos de Nelson, pena que fora do Maracanã.

Para Nelson, detentor de visão perspicaz e contundente, o aspecto intrigante no estádio de futebol é o espetáculo, é o encantamento proporcionado pelo torcedor, pela massa em comunhão, é o deslumbramento com o palco das arquibancadas em que peças se misturam num entrelaçamento que desafia o racional: o torcedor é todo coração.

---

<sup>1</sup> Doutora em letras pela PUC-Rio.

Da mesma forma e em igual proporção, o estádio assusta pela grandiosidade, pelo êxtase coletivo; atemoriza pela diversidade de tipos que por ele passeiam, pela homogênea impessoalidade da multidão. Percebemos que ali estão depositados modos e comportamentos específicos do futebol, que contrariam o aspecto de passividade que se pode supor: o verbo “assistir”, por si só, atribui essa atitude de passividade diante do espetáculo do gramado. No entanto, o verdadeiro show está na plateia, no grito do ambulante, nos enfurecidos das arquibancadas. É nesta mesma multidão que observamos um emaranhado de práticas, companheirismo, afago, disputa, diálogo, conflito, que ultrapassa o modelo de comportamento da massa.

O estádio, nessa perspectiva, transforma-se numa espécie de “laboratório” através do qual somos capazes de identificar a cidade no gesto do povo. O que alicerça nosso ponto de vista é o fato de que, em suas crônicas de futebol, Nelson mostra fatos ocorridos antes, durante e após o jogo, desenhando um outro ator coletivo não menos importante do ponto de vista do desenvolvimento do lúdico. Essa rede de práticas e atitudes que vão além das quatro linhas do campo integra o conjunto de qualidades e defeitos próprios do brasileiro.

O Maracanã, referência mundial, constitui o espaço das relações inéditas e, por isso mesmo, é transformado num epifenômeno de outros fenômenos sociais nele observáveis. Nestes deslocamentos, jogador, seleção, juízes, torcida e outros tantos elementos do universo futebolístico, a crônica de futebol rodrigueana inscreve-se como mais uma interpretação da cidade.

### **Primeiro Tempo!!!**

A paixão do brasileiro pelo futebol começa com a chegada dos ingleses que trazem na bagagem não só a experiência da cidade moderna, mas o *football*, a bola. Esse artefato, pequeno e insignificante, provoca, mais que o desejo pela novidade importada, uma revolução cultural.

Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: – a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime [...] é que, atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico.<sup>2</sup>

A bola é a intermediação entre jogadores e o campo e pode parecer, à primeira vista, o elemento mais importante da disputa. No entanto, a demonstração de domínio é muito maior em torno do espaço, da não abertura da meta: o gol. Ela não é desejada simplesmente para ser

---

<sup>2</sup> 2 RODRIGUES, 1993, p. 104.

guardada por mais tempo; ela é a forma clara de demonstrar um domínio de um grupo sobre o outro. Em um certo sentido, é a posição da bola no campo e seu deslocamento que informa a força maior ou menor das equipes. O domínio da bola é sinônimo de controle, tanto do jogo quanto do oponente.

Nada impede que se jogue: cor, raça ou religião não são problemas. Em meio a essa facilidade, as peladas difundem-se por todos os cantos, bairros e cidades com regras estabelecidas pelos amadores, tendo como base o respeito e a solidariedade. Sem árbitro, com traves de sapato ou pedra, a criatividade impera e, conseqüentemente, o domínio da bola é singular e surpreendente.

A destreza adquirida por esses “peladeiros” foi decisiva para a sua aceitação em instituições oficiais e de prestígio. Mesmo os clubes originalmente racistas renderam-se ao talento dos pobres e negros. Desde o caso do jogador Carlos Alberto do Fluminense, que precisava disfarçar a cor com pó-de-arroz no corpo muita coisa havia mudado.

Assim como as mudanças aconteciam nos times, as arquibancadas também apresentavam visíveis mudanças socioeconômicas. Os ingressos passaram a ser cobrados e todas as camadas sociais, além da aristocrata, puderam assistir ao espetáculo. No entanto, mesmo com acesso a todos, a geral, arquibancada cujo valor do ingresso era mais baixo e, por isso permitia a compra pela massa operária, é forte indício de que ainda se mantinha “cada um em seu lugar”. Mas isso também mudou. Com a gradativa profissionalização do esporte, em que era permitida a participação de jogadores de qualquer cor, raça ou classe social, com o acesso do povo aos estádios, a elite afastou-se, caracterizando, social e politicamente, uma perda de privilégio. Bateu-se definitivamente o martelo que ecoava a popularização desse esporte.

As portas dos estádios estavam abertas. O torcedor, cada vez mais exigente, cobrava do atleta, não só o jogo, mas o espetáculo, a garra, o sangue, o suor e o amor à camisa. Não se tinha mais a passividade britânica e aristocrática dos torcedores, a presença de torcedores bem-comportados, sentados, em silêncio. No lugar, faixas, símbolos, uniformes, gritos, cantos e palavrões proferidos a árbitros e bandeirinhas enfeitavam as torcidas.

Dessa forma, a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada da sua institucionalização e profissionalização, o que permitia a sua prática por qualquer pessoa (homem) em qualquer recanto do país, como também a transformação em ídolos de jogadores que esperavam “não somente uma ascensão social, mas também um reconhecimento coletivo como ‘plenamente’ brasileiros” (LOPES, 1994, p. 66).

Gradativamente, a identidade nacional passa a ser refletida no campo de futebol: o herói

está lá, de chuteiras, homens do povo encarnando uma nova esperança e expectativas dos brasileiros humilhados, oprimidos, esquecidos. O gramado se transforma em sinônimo de igualdade e democratização; é nele, através de seus heróis, que se pode ecoar o grito “com brasileiro não há quem possa!”.

Outro elemento que nos instiga é essa solidariedade entre grupos, que nos favorece ver não só a brasilidade, mas, mais particularmente, a cidade refletida dentro do estádio e como a torcida que, através de um estilo próprio de vivenciar e torcer pelos times de futebol – observado no comportamento estético, verbal e nos modos específicos de participar do evento futebolístico – redimensiona o espetáculo.

Esse recorte da multidão torcedora nos permite perceber, para além da massa e da aglomeração, fios que sugerem outras condutas e práticas sociais em uma cidade marcada pela multiplicidade e diversidade de comportamentos, grupos e modos de vida. Cidade-estádio que expressam, de maneira reiterada, os conflitos, as reivindicações, as dores e comemorações de títulos a cada partida.

Aqueles mesmos fios, que permitem visualizar múltiplas relações entre os moradores da cidade de Nelson, nos contos, folhetins e memórias, ressurgem nas cores dos times de futebol e torcidas e apontam outras construções sociais urbanas e, mais amplamente, de brasilidade: “[...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas”.<sup>3</sup>

Junto a essa marca de brasilidade apresenta-se um fenômeno urbano regido pela competição esportiva, porém impregnado de um sentimento lúdico, da esfera da festa e do lazer, mas também vivenciado no dia a dia, muitas vezes caracterizado por um comportamento transgressor, despertando ainda preferências políticas e acentuando diferenças. Através do futebol, vemos a cidade refletida, exposta em emoções, escolhas e grupos, que indicam, no nível social, padrões de comportamento que vão além dos limites das partidas.

O espetáculo do campo começa a caminho do estádio, está nas ruas, nos trajetos e encontros das torcidas adversárias. Esses agrupamentos e encontros a caminho do estádio também impõem alguns padrões de conduta caracterizados em gestos, expressões, fantasias e instrumentos que atribuem às torcidas fortes peculiaridades identitárias.

Caminhando pela cidade nos dias e horas que antecedem os clássicos (jogos de futebol

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, 1993, p. 102.

que envolvem grandes times como Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), notamos que algumas normas cotidianas são modificadas. Exposição de cores e bandeiras de clubes, cantos, gritos, batucadas invadem ruas, bairros, ônibus, carros, instaurando outra ordem e encenando o drama da convivibilidade.

Nelson, com sensibilidade para os significados que esse drama aponta, mostra como as disputas podem ser vistas como representações do embate entre as várias instâncias que assumem papéis diferenciados na sociedade, como, por exemplo, os cartolas, juízes, torcedores formando pequenas metáforas das relações humanas.

### **Intervalo!!!**

O futebol sempre existiu para Nelson. Antes do Fluminense, foi torcedor apaixonado do Andaraí, time da região da Aldeia Campista. O futebol, desde então, é para ele motivo de poesia; por essa razão, muitas vezes, desliza seus comentários do campo técnico e tático do futebol para pensar a natureza humana a partir daí; seu interesse pelo jogo e a bola diminui na medida em que descobre que o mais interessante era o homem que chutava e o que assistia.

Sua ligação com o futebol é, sem dúvida, anterior à existência de *Manchete Esportiva*. Foi jogador de “peladas” e torcia pelo Fluminense desde muito cedo. Escreve inúmeras crônicas de futebol a partir da década de 1940 até o ano de sua morte em 1980. O autor passa a cultivar esse gênero, primeiramente no *Jornal dos Sports* e, a partir de 1962, em *O Globo*. Escreve, também, regularmente, a partir de 1950, na *Manchete Esportiva*, revista semanal publicada de 1955 a 1959.<sup>4</sup> São essas crônicas de *Manchete Esportiva* o momento da consolidação de Nelson como cronista esportivo. A imagem do dramaturgo passa a ter o traço do futebol, inscrevendo essa modalidade esportiva na arquitetura da cidade e da identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, problematiza sua imagem de autor entre os críticos que veem na crônica de esportes, e às vezes no próprio esporte, uma função essencialmente alienante e pobre.

Nelson, junto com seu irmão Mario Filho, exerceu papel essencial na década de 1950, impulsionando a crônica esportiva no jornalismo brasileiro. Lembremos que até 1930 não há cobertura do futebol na imprensa brasileira, em decorrência da parca popularidade desse esporte diante de outras modalidades esportivas como o remo, por exemplo. O que se tem até então são comentários insignificantes sobre datas, local, participantes e o resultado em

---

<sup>4</sup> As crônicas publicadas pela revista foram reunidas pela primeira vez em livro pela editora Agir sob o título “O berro impresso das manchetes”.

rodapé. Somente no final dos anos 1960 surgem os cadernos de futebol em jornais. Nelson e Mario, no entanto, ao conferirem aos acontecimentos futebolísticos paixão e drama, insere-os, definitivamente, em uma nova ordem de importância, que atribui ao futebol novo matiz na imprensa. Assim, o evento ganha legitimidade, passa a ter relevância pública que excede o interesse privado do leitor.

Além disso, a crônica tem como base o registro circunstancial, feito por um narrador-repórter. Esse narrador faz comentários sobre fatos e acontecimentos que podem extrapolar o universo real em diálogo constante com o presente. Esse aspecto da subjetividade, do toque ficcional, permite que o cronista invente personagens e traga para a escrita registros de oralidade. A liberdade permitida por esse gênero favorece a diversidade de tons e formas que o texto pode assumir. Assim, Nelson pode, ao mesmo tempo, ser dramático, lírico, trágico e cômico, pode narrar, dialogar, comentar os acontecimentos contemporâneos:

Cabe nesta crônica o raciocínio: – o ex-craque matou-se por causa de quarenta contos. E assim sendo todos os que, na Face da Terra, aqui ou alhures, dispõem de uma importância igual ou maior, estão implicados no episódio. Por outro lado é um erro considerar-se o suicídio como tal. Na verdade, ele representa algo mais: – é um assassinato. Examinemos uma relação, ainda que sumária, dos que influíram no seu desespero: – primeiro os que tinham quarenta contos ou mais; e, depois, todos nós e cada um de nós. Sim, amigos: – todos os que lhe negamos o aplauso, que lhe viramos as costas, que o confundimos com Maneca do Vasco, que o esquecemos, somos co-assassinos de Maneco.<sup>5</sup>

É através desse novo gênero que Nelson Rodrigues especula a respeito das relações do indivíduo e do coletivo, denuncia os efeitos da multidão sobre o ser humano, trata de heroísmo e medo, vida e morte.

Nelson exercita um estilo ágil e oralizado<sup>6</sup>, em que descrições de cena, associações de imagens, figuras de linguagem e mesmo a ênfase das repetições permitem entrever uma maneira sofisticada de perceber o futebol e de escrever crônicas.

Nas mãos de Nelson, o futebol, principalmente nos estádios, é um espaço dotado de uma lógica própria, que se foi formando por meio de elementos que transcendem a lógica e que atribuem significado à ação. O delírio das multidões em torno da partida, o clamor que o jogo exerce na plateia e nos jogadores, ou ainda o ódio shakespeariano lavrado entre os times e expectadores não podem ser explicados apenas por razões “psicológicas” porque, certamente, constituem marcas de cultura.

---

<sup>5</sup> Ibidem: p. 90.

<sup>6</sup> Ao conclamar o leitor para a interlocução, Nelson deixa clara a marca da oralidade.

Essas marcas de cultura encerram em si elementos que representam uma ruptura de algumas formas de comportamentos consideradas racionais, constituindo-se como suspensão temporária de práticas estabelecidas pela vida moderna.

O martírio veio depois. Eu me lembro de tudo. Começou a lavrar o ódio entre os dois times. E, súbito, o nosso bandeirinha erra numa marcação. O resto aconteceu juntinho de nós. Um latagão, não sei se do Mangueira, do Vila, veio correndo. Vi a mão aberta e, logo, a bofetada. A bofetada passaria. Pior foi o som. Se não fosse o som, não existiria ofensa, vergonha, dano moral. Uma bofetada muda não humilha ninguém. E, de repente, foi tudo silêncio. Só se ouvia a bofetada. Não me esquecerei, nunca, nunca, do olho do bandeirinha.<sup>7</sup>

Nesse caso, agrega-se ao jogo o caráter de dramaticidade da disputa. O espetáculo assim apresentado pode também configurar outra realidade essencial ao jogo, que implica no estilhecimento de certas atitudes dentro do tempo e espaço do campo.

[...] Imaginem o que não sentiu o juiz do match Brasil x Uruguai, ontem, no Maracanã. Foi caçado a tapas, a pontapés pelos orientais. Já a agressão em si mesma, a correria e o susto traduzem uma dessas experiências terrenas que marcam para sempre. Mas vejamos as agravantes do episódio: – estavam lá, com uma inapelável eficiência, o rádio, a televisão, o jornal e o cinema. Trata-se, pois, de uma humilhação impressa, irradiada, televisionada, filmada. Pode-se desejar provação mais horrenda? [...] <sup>8</sup>

Não podemos considerar que Nelson compactue da teia de violência tecida nos jogos, ele profere críticas contundentes a esse tipo de comportamento: “Mas, se os erros de um juiz merecerem, de suas vítimas, esse tipo de reação, acabou-se o futebol. Ou por outra – o futebol vai virar galinheiro, mafuá, gafeira.”<sup>9</sup>

No entanto, o que mais chama nossa atenção nas crônicas de futebol rodrigueanas é o detalhe na investigação do homem brasileiro em seu espaço, é o microcosmo representado pelo estádio, em particular do Maracanã, na representação da cidade e da multidão na cultura do carioca.

### **Segundo Tempo!!!**

O Maracanã é o lugar que revela a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. Ali, as percepções da esfera pública baseadas por enorme contingente de torcedores devem ser

---

<sup>7</sup> RODRIGUES, 2002, p. 265.

<sup>8</sup> RODRIGUES, 2007, p.102.

<sup>9</sup> Ibidem: p.102.

entendidas por meio de diferentes representações e apropriações. O imaginário vai junto com a bola, desliza nos pés do torcedor, concentra-se na multidão que se aglomera, geme e urra a cada passe em descrição genuinamente urbana na sua forma e no seu conteúdo numa referência que atribui ao estádio categoria de micro-organismo da cidade do Rio de Janeiro, com sentido que vai além do, simplesmente, espacial. Há uma espécie de reconfiguração de outras esferas sociais, há o deslocamento, para dentro do campo, dos anseios, medos e disputas do homem urbano. A cidade transborda para dentro do estádio, inundando-o de pulsação e vida.

Nos anos 1950, Nelson Rodrigues já é um fervoroso amante do futebol. Mesmo sendo Fluminense “doente” consegue perceber contrastes que o futebol conota dentro da arena. Por isso mesmo, pela capacidade de enxergar além do espetáculo, em suas crônicas, os acontecimentos futebolísticos são direcionados para a vida, para a experiência histórica como coletividade, seja representado por um time de futebol, seja pelo escrete nacional. Para Nelson Rodrigues, o futebol ainda não conseguia traduzir nos anos 1950 a desorganização “moderna” das metrópoles, tampouco a organização embevecida das gentes num espaço urbano insurgente.

O autor não se abstém de fazer críticas à falta de gana, garra e élan que antes caracterizava tanto o futebol moderno quanto a sociedade.

Quantas vezes, o craque esquecia a pelota e saía em frente, ceifando, dizimando, assassinando canelas, rins, tóraces e braços adversários? Hoje, o homem está desvirilizado e já não aceita a ferocidade dos velhos tempos. Mas raciocinemos: – em 1911, ninguém bebia um copo d’água sem paixão.<sup>10</sup>

Essa fixação com o passado não é, de forma alguma, saudosismo irresponsável e romântico. Note-se: se de um lado temos a pátria em chuteiras, representada pela seleção canarinho, de outro temos uma molécula da cidade, representada pelas cores do clube. Sendo assim, o retomar o passado significa recuperar imagens do passado que fortalecem a necessidade de lirismo tanto nas relações humanas cotidianas, quanto no estádio: “Amigos, eis uma verdade eterna: – o passado sempre tem razão.”<sup>11</sup>

O espectador, portanto, não pode se privar da tristeza maior ou menor que um jogo mal jogado, ou perdido, lhe confere, mesmo que isso signifique explodir contra o próprio time,

---

<sup>10</sup> RODRIGUES, 2007, p. 12.

<sup>11</sup> Ibidem: p. 26.

como um César apunhalado.

O estilo teatral das crônicas de futebol rodrigueanas excede a palavra dita, exposta, deflagrada; assume-se, ela mesma, como linguagem e encenação do moderno, através da metaforização do espaço, principalmente do espaço ocupado pela multidão, pela aglomeração que confere outra rubrica ao cotidiano.

A geração do Maracanã não imagina como a multidão é coisa recente. Olhem as fotografias do Rio antigo. O brasileiro andava só, sim o brasileiro andava desacompanhado. Quando três sujeitos se juntavam, as instituições tremiam. O público era escasso, era ralo nos velhos campos.<sup>12</sup>

Opostamente, o Maracanã é prelúdio da multidão, lugar público privilegiado e propício ao encontro: mais de 100 mil torcedores anônimos – a aplaudir e a vaiar – transitavam pelo estádio. Esse é o Maracanã que passeamos através das crônicas de futebol rodrigueanas, espaço que, pelo contingente de espectadores, precisou ser delimitado para se evitar a possível histeria da torcida enfurecida.

Esses comportamentos raramente provêm de iniciativas individuais. Tal como nos bairros, ruas e mesmo no gramado, essas ações são coordenadas e organizadas, e, de certa forma, há nas arquibancadas a mesma ideia de “tática e cuidado” que é vivida nas relações cotidianas e, sem dúvida, nas arquibancadas. A diferença é que, no futebol, a delimitação do espaço é feita pelas bandeiras, pelas marcações no gramado, pela divisão preestabelecida. As bandeiras desenroladas, os gritos de guerra, as músicas, os fogos e os deslocamentos de grupos seguem uma estratégia. A torcida dita o seu próprio espetáculo e reinventa conflitos. Assim, a torcida é um show à parte, é o simulacro que faz acreditar nos lugares que devemos ocupar na vida social, principalmente quando estendidos às representações do nacional.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> RODRIGUES, 1993, p. 248.

<sup>13</sup> RODRIGUES, 1993, p. 50.

Ainda nesse caminho, o viralatismo acompanha o brasileiro em suas atitudes coletivas e individuais, porque nunca numa partida de futebol está apenas em jogo o resultado da contenda, mas também a honra do brasileiro, a alma do torcedor ou a essência do povo.

Maracanã e futebol estão unidos por uma simbiose que ratifica o espaço público como palco da modernidade e, por isso mesmo, constituem um universo de significações próprias. Ambos são, ao mesmo tempo, formadores e demolidores de fronteiras sociais; neles o espetáculo se dá tanto pela dicotomia entre duas torcidas, quanto pela cumplicidade que aproxima os representantes de uma mesma torcida. De outra forma, as fronteiras em destaque no universo futebolístico do estádio são determinadas pela divisão das torcidas no espaço físico das arquibancadas, mas, uma vez unidos pela força da camisa, as diferenças desaparecem durante o tempo do jogo. Caracterizados por uma certa fluidez e heterogeneidade, esses agrupamentos torcedores aglutinam indivíduos de diversas regiões da cidade, animados por expectativas diversas, diferenciados por faixas etárias, situação econômica e cultural, etc. E esse novo grupo, caracterizado como formador de um outro estilo, em suas múltiplas aparências, possui uma dimensão espacial específica que não pode ser ignorada.

Jamais o Rio de Janeiro foi o mesmo depois do Maracanã. A cidade se comporta de forma diferente em dia de clássico no Maracanã. Um desses clássicos, e poderíamos dizer o mais tradicional entre eles do ponto de vista histórico, Flamengo *versus* Fluminense, consegue alterar regras rotineiras de convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reorganizados, reapropriados e mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas envolvidas. Há toda uma mudança na dinâmica da cidade para o evento. Os ônibus, trens e metrô, que têm durante a semana a tranquilidade obtusa, não menos feérica, de transportar cidadãos com interesses variados aos lugares distintos da cidade, são invadidos por tricolores e rubro-negros, investidos e direcionados para uma ação comum, coletiva, a caminho de um jogo na busca das emoções de uma vitória ou da tragédia de uma derrota. Intervenção tempestuosa de solidariedades, preferências, desejos gerais de grupos que se identificam em massa; mas diferenciados em nações<sup>14</sup>, formam um macrossistema categorizado através das afinidades e adesões às cores da camisa e bandeiras.

[...] Note-se: – não se trata de um fenômeno apenas do jogador. Mas do torcedor, também. Aliás, time e torcida completam-se numa integração definitiva. O adepto de qualquer outro clube recebe um gol, uma derrota, com uma tristeza maior ou menor, que não afeta as raízes do ser. O torcedor rubro-negro não.

<sup>14</sup> A palavra nação é frequentemente usada pela crônica e imprensa para designar o conjunto de torcedores de um mesmo time.

Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra [...]. Para qualquer um, a camisa vale tanto quanto uma gravata. Não para o Flamengo. Para o Flamengo, a camisa é tudo. Já tem acontecido várias vezes o seguinte: – quando o time não dá nada, a camisa é içada, desfraldada, por invisíveis mãos. Adversários, juízes, bandeirinhas tremem, então intimidados, acovardados, batidos. Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa, aberta no arco. E diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inexpugnável.<sup>15</sup>

A camisa, apresentada dessa forma, atribui especificidade e identidade à nação rubro-negra, configurando, também, novos traços de sociabilidade, novas corporalidades e, principalmente, novos territórios de sentido e significação. Nessa postura, através da qual vemos realizada a aproximação de um símbolo com determinado grupo social, conseguimos identificar, também, a composição cênica da própria cidade como espaço experimentado pelos diversos sinais figurativos que representam um conceito de interação.

Nas arquibancadas ocorre um outro futebol no qual se desenrola um jogo de palavras, de abraços e xingamentos compartilhados, há uma padaria de Brasil que é a cultura brasileira. As representações sociais veiculadas através do futebol, até pela aparente inocuidade deste domínio social – o dos jogos, do lazer, do esporte – difundem-se e divulgam-se carregadas nos pés dos jogadores e nas avaliações que a partir daí são produzidas.

Como já salientamos, o espaço do jogo, o estádio, é uma cidade, assumindo, na diversidade, seus times de preferência. A divisão necessária entre dois lados do campo de futebol, abrigando dois times diferentes, é observada tanto na ocupação dos espaços do estádio – dividido em arquibancadas, gerais e numeradas – quanto na cidade, no uso de equipamentos urbanos, no trânsito dos torcedores, no percurso até o estádio. Mas é no estádio a manifestação máxima dessa cidade dentro da cidade, é ali, no momento do espetáculo que o Maracanã deixa de ser apenas arquitetura e passa a ser a urbe: – eis a Maracanã inexpugnável, diria Nelson. E, continuaria, Que bela e emocionante figura! Aqui se vê a cidade mais plástica, mais elástica, mais acrobática do mundo. Nada tem de simples: – ela implica, rosna, baba e transpira ódio e amor que saltam pelas rútilas retinas. Em primeiro lugar, ri uma risada cósmica, urra o grito de guerra contido hodiernamente. Maracanã enfeita, dramatiza, dinamiza sua multidão que arqueja teatralmente, rilhando os dentes, estrebuchando. No Maracanã constatamos uma eterna verdade teatral: nós só gostamos do melodrama. Essa cidade se parece mais com todos nós e cada um de nós. É mais pessoal, mais humana, mais carne, mais alma.

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, 2007, p. 12.